

Esperando questões epistemológicas

Waiting for epistemological questions

Réplica de Francisco José Paoliello Pimenta e Marina Aparecida Sad Albuquerque de Carvalho aos comentários de Adriana Braga e Mônica Chaves

Francisco José Paoliello Pimenta

<https://orcid.org/0000-0003-1244-9123>

paoliello@acessa.com

Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (1993/Fapesp), incluindo pesquisas na New York University (1991/CNPq). Pós-doutorado em Ciências da Comunicação pela Unisinos/RS (2011/Capes). Foi jornalista dos Diários Associados, Revista Manchete, Agência Estado e Jornal da Tarde, e tradutor. É Professor Titular da Faculdade de Comunicação e Permanente do PPGCom UFJF, do qual foi coordenador (2006 a 2010). É Tutor do PET Facom UFJF. Foi Coordenador do GT Epistemologias da Comunicação da Compós (2012-2011) e é Consultor ad hoc de Comitês da CAPES.

<http://lattes.cnpq.br/2368585419362246>

Marina Aparecida Sad Albuquerque de Carvalho

<https://orcid.org/0000-0001-7473-4224>

marina_sad@hotmail.com

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF (2018), especialista em Jornalismo Multiplataforma (2014) e bacharela em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, ambos pela mesma universidade. Atualmente, cursa Doutorado em Comunicação também na UFJF. Pesquisa a dinâmica transmídia no jornalismo a partir do pragmatismo de Charles S. Peirce. Também possui experiência na área de Comunicação, com ênfase em webjornalismo, jornalismo impresso, assessoria de imprensa, jornalismo religioso.

<http://lattes.cnpq.br/1193063367784743>

Na crítica ao texto, as comentadoras deixam de se colocar frente à discussão apontada na introdução, e que caracteriza o GT de Epistemologia da Compós já há alguns anos, a respeito das dificuldades de inserção teórica da esfera da Comunicação em relação às demais ciências. Relembramos, então, a questão da incerteza que marca nossa área, segundo vários autores, o fato de

ter sido estabelecida tardiamente, seu perfil interdisciplinar, suas fronteiras mal definidas e, ainda, o problema mais geral da falta de repertório. Esses aspectos conduziriam, então, à ideia de que tal indefinição sobre o perfil do campo afetaria, entre outras, também a importante etapa da delimitação de problemas a ser pesquisados. Contudo, esse ponto inicial de nossa argumentação não mereceu nenhum desenvolvimento por parte das comentadoras.

Além disso, a crítica não percebeu a proposta epistemológica do próprio trabalho, ou seja, a hipótese de que o método pragmaticista, proposto por Charles Peirce, seria uma das alternativas para enfrentarmos esses obstáculos, na medida em que se apoia em procedimentos comuns a vários campos da ciência. Tal característica do método e suas possíveis contribuições frente à dispersão que marca o campo da Comunicação também não foram consideradas pelas comentadoras, que optaram por apontar supostas fragilidades que atribuem a essa vertente, a partir de uma compreensão que consideramos bastante precária, conforme mostraremos a seguir.

Em lugar de se referirem ao trabalho e debater epistemologicamente as questões que apresentamos acima, as comentadoras tomaram um caminho problemático: criticar o pensador Charles Sanders Peirce, químico, matemático, com trabalhos na área de Geodésia e Metrologia, linguista poliglota, um dos principais fundadores da Semiótica e autoridade reconhecida internacionalmente há mais de um século no âmbito da Lógica e da Epistemologia. A propósito, a permanência e resiliência do pensamento de Peirce, apesar das incompreensões sobre sua obra, que a acompanham desde sua formulação, é tratada pelas comentadoras em tom crítico ao afirmarem que “a solução apresentada para ‘fazer frente a tais dificuldades’

é a adoção de uma teoria do final do século XIX”, como se essa data tivesse alguma relevância ou, até mesmo, alguma impropriedade. Na mesma frase, prosseguem desqualificando o Pragmaticismo peirceano, que, segundo elas, “é uma releitura de técnicas filosóficas da lógica formal, conhecidas desde a antiguidade clássica”.

Considerar a obra monumental de Peirce, suas 80 mil páginas, como mera “releitura” certamente não é algo apropriado; pensar que suas contribuições são “conhecidas desde a antiguidade clássica” é ainda mais inadequado; e tratá-lo como autor limitado à lógica formal indica profundo desconhecimento por parte de quem pretende criticá-lo. Essas incorreções a respeito das características epistemológicas do Pragmaticismo conduzem a vários outros equívocos, comprometendo totalmente as argumentações seguintes. Reduzir o pensamento de Peirce à lógica silogística, apenas um de seus múltiplos focos de atenção, e, ainda, seu complexo conceito de abdução ao silogismo hipotético, demonstra uma compreensão fragilíssima de sua obra, que não cabe, aqui, descrever.

A seguir, no desenvolvimento de seu comentário, prosseguem, com base numa teoria que supõem ser derivada de Peirce, com a crítica de que seu pensamento não se aplicaria a “juras, perguntas, pedidos, promessas, profecias, ameaças”. Como as comentadoras não têm o devido conhecimento sobre o assunto, fato assumido oralmente na apresentação de seu relato durante o congresso, supomos que a argumentação contida nesse estranho parágrafo deva provir de alguma fonte não explicitada. Talvez em decorrência desses empréstimos, o parágrafo seguinte segue bastante confuso, misturando categorias com inferências, conceito de subjetividade e cognição, incluindo uma citação sem a devida articulação com os temas tratados.

Nessa sequência, as comentadoras criticam a ideia de comunicação multicódigos, duvidando que possam existir formas de comunicação com apenas um código, embora o próprio texto escrito por elas seja um exemplo disso. Prosseguem, então, com novas críticas a uma suposta indefinição nos exemplos empíricos que utilizamos apenas para facilitar o entendimento de nossa proposta teórica, deixando de compreender que são meros exemplos e que leitores interessados em aprofundamentos são

devidamente remetidos aos textos originais. A partir daí, apresentam uma série de questões ainda sobre esses mesmos exemplos.

Nos parágrafos seguintes, as comentadoras prosseguem com suas críticas aos exemplos, fugindo totalmente das questões epistemológicas apresentadas no trabalho e se detendo em uma das hipóteses trabalhadas nos testes empíricos. Embora afirmem que tal hipótese é incompreensível, na frase seguinte a descortinam sem problemas para criticá-la novamente. Nesse ponto do comentário, escapando ainda mais do debate epistemológico proposto, empreendem um longo circunlóquio, citando autores de sua preferência e se afastando cada vez mais das temáticas apresentadas no trabalho.

Havelock, McLuhan, Ong, Escola de Toronto e Postman são citados em comentários adicionais à hipótese que trouxemos apenas como exemplo, ocupando grande parte do relato. Nessa sequência, abrem vários parágrafos e prosseguem numa argumentação periférica até o final, onde afirmam, talvez ironicamente, que “podemos pensar na pertinência da introdução de uma disciplina de lógica nos cursos de Comunicação”.

Entretanto, esse tipo de resistência às contribuições do Pragmaticismo de Peirce e de sua semiótica ao campo da Comunicação, que observamos já há algumas décadas no Brasil, tem se tornado, ela mesma, uma questão interessante a ser pesquisada do ponto de vista da Epistemologia da Comunicação. Nossa hipótese a esse respeito é de que tais oposições seriam derivadas, fundamentalmente, da falta de conhecimento sobre esse pensamento, talvez causada, por sua vez, por sua complexidade, quando, na realidade, a complexidade é inerente aos problemas que, de fato, merecem a atenção da ciência, entre eles aqueles relacionados à esfera da Comunicação.

De resto, as questões propostas no trabalho permanecem sem uma discussão apropriada. Temos a esperança de que em outras oportunidades possamos debater, no devido campo epistemológico, a ideia de que o método pragmaticista de Peirce talvez possa contribuir para uma melhor definição dos problemas de pesquisa no campo comunicacional, em vista do fato de seus procedimentos, os quais apresentamos em detalhes no trabalho, serem comuns a várias outras esferas da ciência.